

O exercício da cidadania na escola

The exercise of citizenship at school

El ejercicio de la ciudadanía en la escuela

Neuza Mainardi*

Isabel Maria Teixeira Bicudo Pereira**

RESUMO: Este artigo é um convite à reflexão quanto a prática pedagógica e postura do profissional da educação para um melhor aproveitamento do trabalho educativo num ambiente sadio. A escola, apesar de ser reconhecida socialmente como um meio propício para o desenvolvimento de conhecimentos, de atitudes e de habilidades, não vem contribuindo satisfatoriamente para o exercício da cidadania. O artigo objetiva oferecer subsídios para que educadores possam repensar sua prática e sentir que aprimorá-la é sempre possível e necessário. Como propiciar, de forma eficaz, o desenvolvimento infantil direcionado a uma cidadania consciente e comprometida com uma saúde social? Conclui-se que é na vivência diária, no cumprimento dos deveres e exigência dos direitos que se cresce como cidadão consciente, sadio e feliz e que a escola pode e deve contribuir decisivamente para que isso aconteça, num trabalho transdisciplinar.

PALAVRAS-CHAVE: Cidadania na escola. Educação -temas transversais. Escola sadia.

ABSTRACT: This article is an invitation to a reflection on pedagogical practice and the position of education professionals for a better exploration of educative work in a healthy environment. The school, although socially recognized as a context favorable to knowledge development, attitudes and abilities, is not satisfactorily contributing for the exercise of citizenship. The paper aims to offer subsidies so that educators can rethink their practices and feel that improve it is always possible and necessary. How to facilitate in an efficient way infantile development aimed at a conscientious and citizenship committed to social health? We conclude that it is in daily experience, in the fulfillment of duties and the fight for rights that a conscientious citizen, healthy and happy may develop and that the school can and must decisively contribute for that to happens, in transdisciplinary work.

KEYWORDS: Citizenship at school. Education- transversal topics. Healthy school.

RESUMEN: Este artículo es una invitación a una reflexión acerca de la práctica pedagógica y a la posición de los profesionales de la educación para una exploración mejor del trabajo educativo en un ambiente sano. La escuela, aunque es reconocida socialmente como contexto favorable al desarrollo del conocimiento, las actitudes y las capacidades, no está contribuyendo satisfactoriamente para el ejercicio de la ciudadanía. El artículo intenta ofrecer subsidios a los educadores para que puedan repensar sus prácticas y sentir que mejorarla es siempre posible y necesario. ¿Cómo facilitar de manera eficiente un desarrollo infantil dirigido a una ciudadanía concienzuda comprometida con la salud social? Concluimos que es en la experiencia diaria, en el cumplimiento de deberes y la lucha por derechos que un ciudadano concienzudo, sano y feliz se puede desarrollar y que la escuela puede y debe contribuir decisivamente para eso, en un trabajo transdisciplinario.

PALABRAS LLAVE: Ciudadanía en la escuela. Educación -tópicos transversales. Escuela sana.

Os parâmetros curriculares nacionais orientam que o exercício da cidadania deve ser constante no dia-a-dia das escolas brasileiras; para isso propõem temas transversais que devem permear todo o currículo: Saúde, Orientação Sexual, Pluralidade Cultural, Ética e Cidadania, Trabalho e Consumo (Brasil, 1998)

O referido exercício pode ser estratégia de melhoria das condi-

ções de vida e saúde da população de países em desenvolvimento e à educação cabe um papel importante (Bydlowski, 2005).

É fundamental que haja coerência entre teoria e prática, que o processo educativo realmente interfira, conscientize, transforme (Mainardi, 2005).

Na teoria, pela legislação, os direitos são os mesmos para todos, mas a instituição escola é reflexo

de uma sociedade autoritária, com relações políticas paternalistas e clientelistas, marcadas por privilégios que reproduzem um altíssimo nível de desigualdade, injustiça e exclusão social. Os profissionais da educação, preocupados em transmitir conteúdos, muitas vezes, se esquecem da finalidade precípua de sua função, que é contribuir para o desenvolvimento da personalidade de

* Especialista em educação. Email: nmainard@terra.com.br.

** Doutora e Mestre em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo. Professora Doutora do Departamento de Prática de Saúde Pública – Faculdade de Saúde Pública Universidade de São Paulo. E-mail claianny@usp.br

seres humanos que possam viver plenamente na sociedade, dela sofrendo interferências, mas também interferindo com ações que visem o bem comum.

Para Bydlowski (2005), “os direitos de cidadania têm que ser conquistados e não serem vistos como mercadoria que possa ser doada ou dada para a população.”

Para Vaccari (1999) ter cidadania é “poder exercer os deveres e direitos cidadãos”. O direito de um termina onde começa o do outro.

“A humanidade não viverá em paz, e o homem nunca será feliz enquanto não for um criador de valores dentro de si mesmo... descobrir fatos é instrução – criar valores é educação...” (Rohden, 1984)

No trabalho educacional é preciso buscar soluções com uma *práxis* alterada qualitativamente pela incorporação de novos conhecimentos (Saviani, 1983). Isso pressupõe buscas conscientes e contínuas por parte de professores e especialistas a quem a educação dos alunos é confiada. E não bastam as buscas; é preciso ação. E “por trás das ações, sempre há um conjunto de idéias que as orienta” (Weisz, 2002). As alterações na sociedade são contínuas e, muitas vezes, profundas. O educador precisa inteirar-se dessas transformações para garantir a eficácia de suas intervenções, em benefício dos alunos. “A prática pedagógica é complexa e contextualizada, e portanto não é possível formular receitas prontas para serem aplicadas a qualquer grupo de alunos e professores”. É importante que o professor reflita sobre a própria prática e que seja “alguém que aja com autonomia intelectual” (Weisz, 2002). É vivendo no dia-a-dia que se educa para uma vida emancipada e responsável, ou não.

Cabe acrescentar aqui que, em educação, as pequenas podem ser grandes coisas. O professor estará dando lição de cidadania quan-

do, em situações de impasse, fizer votação entre os alunos, antes de tomar uma decisão; os estudantes estarão aprendendo que o interesse da maioria deve sobrepujar o individual. A postura do educador é fundamental. Não há mais espaço para aquele profissional preso em relações binárias, tão características da metade do século passado e que valorizava apenas os alunos que tinham facilidade de memorização. As diferenças precisam ser aceitas e valorizadas; uma questão pode ter uma multiplicidade de respostas interessantes; um mesmo problema pode e deve ser analisado sob diferentes ângulos.

A verdade é que grande parte dos professores não exerce a cidadania ativamente, então como pretender que influam positivamente para que os alunos o façam? São imbuídos dos melhores propósitos, no entanto, muitas vezes, eles mesmos sofrem passivamente e calados, tendo os seus direitos violados.

A escola que puder trabalhar séria e responsabilmente os temas transversais do currículo estabelecidos pela Secretaria Nacional de Educação, estará certamente colaborando para a boa formação e a felicidade das pessoas, pois tais temas são inter-relacionados.

Se cada cidadão aprender a valorizar, reconhecer e ser grato à contribuição dos vários povos para a formação da sociedade brasileira, estará construindo um ambiente de paz.

Se cada cidadão se conscientizar que o meio ambiente é de todos e para todos e, que é importante a contribuição de cada um para mantê-lo sadio, possivelmente se engajará em projetos em sua defesa.

Se cada cidadão estiver consciente de que deverá consumir o necessário, evitar-se-á desperdício e haverá menor desgaste para a produção no trabalho.

Se a orientação sexual se fizer presente desde a infância, as pessoas serão mais verdadeiras, mais felizes e problemas poderão ser evitados.

Se houver exercício consciente da cidadania no dia-a-dia, a autoestima dos alunos poderá ser melhorada, possibilitando em cada um o desejo de cuidar-se melhor.

A ação com ética e a saúde física, mental, social, cultural, econômica, ambiental... pode gerar uma feliz consequência.

Entretanto, o processo de conscientização não é simples, nem se desenvolve num sentido linear; muitas variáveis interferem continuamente, moldando comportamentos, formando valores e constituindo estilos de vida.

Novas propostas, novas formas de ação devem fazer parte do dia-a-dia da escola para promover o exercício da cidadania e emancipar a população. O empoderamento gera poder e cria condições favoráveis para que as pessoas saiam da passividade e passem a agir individual ou comunitariamente (Bydlowski, 2003).

Empowerment ou empoderamento é o processo de ação social de indivíduos e grupos comunitários para aumentar o controle sobre a vida e facilitar transformações ao nível individual e social (Wallerstein, 1992). As pessoas precisam se tornar sujeitos responsáveis pela própria vida.

“Os movimentos sociais favoreceram a formação política dos indivíduos a partir de práticas de mobilização social, mas as organizações não-governamentais dos anos 70, segundo Petras (1997), financiadas e promovidas por políticas neo-liberais despolitizaram e desmobilizaram a população” (Bydlowski et al, 2003).

É importante que as escolas estabeleçam metas junto com os alunos e que envidem esforços

para atingi-las, por meio de ações bem planejadas, partindo da realidade em que vivem, criando assim, maior compromisso nas ações. A avaliação participativa é muito importante, pois proporciona o diálogo, a reflexão, amplia o poder e embasa novos planejamentos de ação. Essa não tem sido uma prática comum nas escolas. Raramente se tem notícia da participação dos alunos no planejamento de ações construtivas; conseqüentemente, menos ainda, no que diz respeito a avaliação das mesmas. É preciso começar a reversão do quadro. É tempo de propiciar, de forma eficaz, o desenvolvimento infantil direcionado a uma cidadania consciente e comprometida com uma melhoria social. O aluno deve sentir-se parte do problema e da solução.

Faz-se necessário um trabalho transdisciplinar, onde os diferentes saberes se unam em torno do objetivo comum, sem estrelismos e competições que excluem, mas com boa vontade e disponibilidade para que cada um dê o melhor de si, com amor, tendo em vista contribuir para solucionar ou, ao menos, amenizar o problema.

Urge incentivar nos educadores, o desejo de trabalhar pela transformação social; não se sabe até que ponto eles têm consciência do quanto podem favorecer a emancipação das pessoas, se no dia-a-dia das escolas, propiciarem o desenvolvimento de uma cidadania ativa, especialmente pelo seu exemplo de cidadão ativo. É preciso lembrar que para alguns poucos alunos, a escola é somente uma parte das atividades de formação; “para outros, a escola é *tudo*” (Nidelcoff, 1978).

Refletindo a respeito, pode-se concluir que para se obter êxito num empreendimento educacional transformador, é preciso acreditar, amar e ir à luta, enfrentando com entusiasmo as barreiras que, certa-

mente, irão surgindo; é preciso que o educador se conscientize para poder conscientizar. Isso exige muita competência técnica dos envolvidos no processo e um compromisso efetivo. Há que se considerar o importante fato que “é a estrutura social que permite ou não que as pessoas cumpram determinados destinos”... “a escola, como instituição, geralmente confirma e assegura a estrutura social; só se educa a partir de determinados valores, mas é importante quem os define”. (Nidelcoff, 1978). Isso faz toda a diferença. Conhecendo a realidade, a comunidade precisa aprender a ver suas necessidades e lutar por elas, se transformando para transformar, utilizando, para isso, os conhecimentos adquiridos.

Morin (2002) coloca que há quatro pilares que sustentam a educação no mundo todo: aprender a ser, aprender a fazer, aprender a viver juntos e conhecer; vê ainda que há uma transrelação que liga esses pilares sendo que a educação só é viável, se for integral. Quanto à ética, deve formar-se nas mentes com base numa tríplice realidade: o ser humano é um indivíduo, que faz parte de uma sociedade e também de uma espécie. A humanidade deve ser concebida como unidade planetária. É preciso ter consciência que a Terra é nossa pátria e ter vontade de realizar a cidadania terrena.

A sala de aula deve ser então, um local de aprendizagem, de debate argumentado, de compreensão, de escuta às vozes minoritárias e marginalizadas. Segundo o mesmo autor, em todo o conhecimento corre-se o risco de erros ou ilusões, uma vez que nosso contato com o mundo exterior depende de nosso mundo interior: percepções, o imaginário, mundo subjetivo, tendência de se resistir às informações que não nos convém.

Com um debate argumentado de idéias, estando o professor de-

sarmado da “autoridade” que tem muitas vezes tão interiorizada, o trabalho nas escolas pode ser crítico e construtivo; a subjetividade, a afetividade precisam ser consideradas; é preciso estar aberto aos novos paradigmas para não ser guiado cegamente por “absurdos triunfantes, crenças não contestadas e noologias” (Morin, 2002). A busca do conhecimento pode ser uma feliz aventura; é desejável que o seja. Ele ainda considera que, “muitos sofrimentos e desorientações foram causados por erros e ilusões, ao longo da história humana, até o século XX. A educação precisa armar cada um para o combate vital para a lucidez” Frei Beto (2004) coloca que quanto mais a escola se vincula ao contexto onde está inserida, mais a sociedade se beneficia; diz também que a crise da educação pública existe porque as crianças entram na escola com vontade de aprender e acabam se desiludindo porque tudo é desvinculado da vida.

Entretanto, “poucas instituições são mais conservadoras que a escola, incluindo a universidade. Fabricam teorias da mudança, que são apenas teorias... uma prática que é teimosamente uma negação da teoria... inova-se apenas a justificativa para não inovar” (Demo, 1996).

Sabe-se que há honrosas exceções, mas, freqüentemente, vê-se dicotomia entre a teoria e prática; os procedimentos didáticos, no dia-a-dia, permanecem obsoletos desde o planejamento até a fase final de avaliação. Muitos docentes apenas arrolam conteúdos, nem sempre sabendo o porquê ou para que incluí-los; a maioria desconsidera e/ou nem pensa em considerar o que se passa nas cabeças dos educandos, quais são suas aspirações, que bagagem trazem, como vivem, o que esperam. Não que seja falta de boa vontade; faltam-lhes orientações, preparo técnico!

A educação continuada precisa acontecer! Quanto aos alunos, não têm tido vez nem voz. Sabe-se que cada ser humano é único e como tal deve ser considerado, principalmente numa casa de educação, mas o que se vê é a massificação.

Os alunos, como os professores, são igualmente cidadãos e merecem ser respeitados. E enganam-se os que pensam que eles não têm capacidade ou discernimento para opinar! É importante que se conheça bem uma realidade para poder intervir nela. Se o objetivo é ajudar,

e elevar, é preciso ouvir as pessoas, ser solidário a elas, conhecer as suas expectativas, para se atender às suas reais necessidades, lembrando-se sempre que cada ser humano é maravilhosamente único, sendo digno de todo o respeito e atenção.

REFERÊNCIAS

- Brasil. Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais: temas transversais. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental; 1998.
- Bydlowski CR. Cidadania: o papel do professor. [tese]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo; 2003.
- Bydlowski CR, Westphalm F, Pereira MTB. Promoção da saúde: porque sim e porque ainda não! Rev Saúde Sociedade 2004;3:14-24.
- Demo P. Educação e qualidade. Campinas: Papirus; 1996.
- Frei Beto. Fórum Mundial de Educação. São Paulo: 2004 Abr 2. [palestra].
- Mainardi N. A ingestão de alimentos e as orientações da escola, sob o ponto de vista do aluno concluinte do ensino fundamental. [dissertação]. Piracicaba: Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz; 2005.
- Morin E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez; 2002.
- Nidelcoffi MT. Uma escola para o povo. São Paulo: Brasiliense; 1978.
- Petras J. Imperialism and NGOs Latin América. Montly Rev 1997; 49(7):12-27
- Rohden H. Educação do homem integral. São Paulo: Alvorada; 1984.
- Saviani D. Escola e democracia. São Paulo: Cortez; 1983.
- Vaccari VL. Sexualidade e cidadania: muito além do “viva e deixe viver”. São Paulo: SBRASH; 1999.
- Wallerstein N. Powerless, empowerment and health: implications for health promotion programs. Am J Health Promot. 1992;6(3):197-205.
- Weisz T. O diálogo entre o ensino e a aprendizagem. São Paulo: Ática; 2002.

*Recebido em 9 de abril de 2007
Aprovado em 24 de abril de 2007*